

EDUCAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CATEGORIZAÇÃO DO SUJEITO LGBT¹ NO SÉCULO XXI

Samuel de Souza Matos

Mestrando em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Sergipe (UFS),
São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

RESUMO: Neste artigo, objetivamos analisar discursivamente efeitos de sentido decorrentes de formas linguísticas relativas ao sujeito LGBT no século XXI. Centramo-nos no arcabouço teórico da Análise de Discurso (AD) e em perspectivas *queer*. A materialidade discursiva selecionada é a transcrição de um vídeo do Põe na Roda, canal do *YouTube* que produz conteúdos sobre a comunidade LGBT. Focalizamos, de um lado, as temáticas das identidades de gênero, orientação sexual, papel sexual (ou social) e sexo biológico, e por outro, as categorias teóricas de disciplinarização, categorização, silenciamento e ideologia, a fim de empreender as análises. Os resultados apontam uma inter-relação entre “lutas” de movimentos LGBT, processo educativo e novas relações de desigualdade-subordinação na sociedade, a partir da noção de luta ideológica de classes. Concluimos, portanto, que o duelo de sentidos de estabilidade e instabilidade se inscreve no processo sócio-histórico de disciplinarização do sujeito LGBT.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito LGBT. Ideologia. Silenciamento

ABSTRACT: In this article, we aim to analyze discursively the effects of meaning arising from linguistic forms related to the LGBT subject in the 21st century. We focus on the theoretical framework of Discourse Analysis (AD) and on queer perspectives. The selected discursive materiality is the transcription of a Põe na Roda video, a YouTube channel that produces content about the LGBT community. On the one hand, we focus on gender identity, sexual orientation, sexual (or social) role and biological sex, and on the other, the theoretical categories of disciplinarization, categorization, silencing and ideology, in order to undertake the analyzes. The results point to an interrelationship between “struggles” of LGBT movements, educational process and new relations of inequality-subordination in the society, from the notion of ideological class struggle. We conclude, therefore, that the duel of meanings of stability and instability is inscribed in the socio-historical process of disciplining the LGBT subject.

KEY-WORDS: LGBT subject. Ideology. Silencing

INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira contemporânea, é cada vez mais crescente o interesse pela discussão das temáticas das identidades de gênero, diversidade sexual, direitos humanos e

¹ Sigla atribuída a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, etc.

estudos *queer*, sobretudo na mídia e na comunidade acadêmica. A busca pela democracia e pela igualdade social são algumas das explicações desse acontecimento. Nesse sentido, ao lado das discussões, que põem em confronto diversos setores da sociedade e, conseqüentemente, sua reavaliação em várias dimensões, inúmeras vezes temos visto essas temáticas serem tratadas de forma polêmica. Essas discussões põem em xeque uma problemática social relevante, e um dos grupos sociais responsáveis por abri-las e intensificá-las é o movimento LGBT.

No cerne dessas discussões emerge este trabalho. Assim, a escolha dos temas (identidade de gênero, orientação sexual) se justifica pela nossa vinculação com o projeto de dissertação ainda em andamento: “Processos de referenciação: estratégias textual-discursivas na construção argumentativa de depoimentos de ativistas LGBT de Aracaju/SE” (PPGL/UFS), com bolsa da CAPES². Além disso, nossa relação profícua com essas temáticas vem de longa data, devendo-se, parcialmente, ao constante acesso aos vídeos disponíveis no “Põe na Roda”, canal do *YouTube* que mais produz conteúdo informativo e de qualidade sobre a comunidade LGBT. Porém, diferentemente dos objetivos e dos aspectos metodológicos a serem adotados em nossa pesquisa, o percurso realizado aqui compreenderá uma análise discursiva.

Este artigo objetiva analisar discursivamente, com base no arcabouço teórico da Análise de Discurso (doravante, AD), formas de categorização do sujeito LGBT no século XXI, tendo em vista o processo sócio-histórico de disciplinarização. Dessa maneira, temos como materialidade discursiva para análise o vídeo *Menino ou menina?*³, transcrito do *YouTube*, disponível no “Põe na Roda”. Analisaremos os efeitos de sentido produzidos a partir das noções de disciplinarização e categorização que dão margem para o analista pensar sobre novas relações de subordinação-desigualdade na sociedade. Para tanto, de modo a nortear as análises, elencamos estudos desenvolvidos sobre silêncio, silenciamento e vozes sociais (ORLANDI, 1997), ideologia (BERNARDO-SANTOS, 2009), condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 1997), disciplinarização e categorização (HAROCHE, 1992) e educação no movimento LGBT (MELO, 2008).

Diante desse contexto, estruturamos o presente trabalho em duas seções principais, além da introdução e considerações finais: i) uma breve discussão sobre educação e categorização

² Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado pela qual foi (e está sendo) possível executar as ações deste trabalho, bem como da pesquisa em andamento.

³ Assistir vídeo completo em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VEqHtKVaxx8>>.

do sujeito no movimento LGBT, perscrutando, rapidamente, o Manual de Comunicação LGBT; ii) disciplinarização, categorização, ideologia e silenciamento nas práticas discursivas sobre o sujeito LGBT. Com o intento de sermos breves na discussão teórica das categorias de análise, optamos por correlacionar, nas duas seções principais, o aporte teórico da AD com a materialidade discursiva selecionada. Ao cabo das análises empreendidas, esta investigação se propõe a um diálogo incipiente entre questões de linguagem, práticas discursivas, educação social e movimento LGBT.

EDUCAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO NO MOVIMENTO LGBT

Iniciamos nossas reflexões sobre a categorização do sujeito LGBT a partir do processo educativo constituído pelo movimento LGBT. Tomaremos como base teórica o estudo de Melo (2008) para focalizar as seguintes questões na análise:

- (a) De que maneira as identidades de gênero e sexuais são classificadas pelo movimento LGBT?
- (b) Qual a relação entre oposições binárias (homem/mulher, heterossexual/homossexual, etc.) e o processo educativo na materialidade discursiva do *corpus* selecionado?

A partir disso, veremos quais posições-sujeito assumem as três personagens do vídeo transcrito e como nele ocorre o processo educativo em torno dos temas da identidade de gênero e da sexualidade (ou orientação sexual). Ao lado destas, também, está inclusa outra temática: o papel social (ou papel sexual). Entretanto, antes de procedermos à apreciação do nosso *corpus*, vejamos o que nos diz o Manual de Comunicação LGBT, publicado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT⁴) no ano de 2010:

Esse manual, além de explicar didaticamente a **terminologia correta** a ser usada para falar sobre homossexualidades, lesbianidades, bissexualidades, travestilidades e transexualidades, serve ainda para que profissionais de comunicação não corram o risco de sofrer ações de danos morais e cometer crimes de injúria, calúnia ou

⁴ A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT foi criada em 31 de janeiro de 1995, com 31 grupos fundadores. Trata-se de uma rede nacional formada por 220 organizações. É a maior rede LGBT na América Latina. Sua missão é promover a cidadania e defender os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2010, p. 42).

difamação. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2010, p. 6-7, grifo nosso).

A expressão “terminologia correta” leva o leitor do Manual a compreender que, para se referir a pessoas LGBT, é preciso fazer uso de categorias adequadas, instituídas ao longo da história dos movimentos LGBT e dos estudos científicos. O emprego dessa terminologia se encontra na apropriação de determinadas formas linguísticas e na exclusão de outras (por exemplo, “gay” em vez de “veado”; “bissexual” em vez de “gilete”; “lésbica” em vez de “sapatão”). Essa inclinação à apresentação de categorias implica um processo de ensino-aprendizagem. Tal exposição corresponde não somente ao objetivo central do Manual, como também parece estar filiada ao processo educativo da ABGLT a partir de sua oitava e última meta atual em relação à mídia:

8. Fomento à participação de profissionais, estudantes e professores de comunicação, ativistas LGBT e pessoas de outras áreas pertinentes, em oficinas, seminários, debates, rodas de conversas, conferências, encontros, congressos, audiências públicas, visando à sensibilização e à **disseminação de conhecimentos** para fundamentar a uma comunicação de respeito às pessoas LGBT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2010, p. 8, grifo nosso).

Diante dessa citação, observamos que o interesse da ABGLT é o de promover a expansão do conhecimento sobre a comunidade LGBT na sociedade. Expor categorias de identidades de gênero e sexuais e disseminar conhecimentos sobre a comunidade LGBT podem significar posturas de um processo educativo semelhante àquele que ocorre no ambiente escolar. Porém, o movimento LGBT (e também a ABGLT) funciona como lugar social de disciplinamento, muito além de um espaço físico específico como se caracteriza a escola. A esse respeito, Melo (2008) nos diz o seguinte:

Entender o Movimento Homossexual [ou LGBT] como espaço educativo envolve o esforço de resignificar os conceitos de Educação para além da Pedagogia, percebendo a **Educação e os processos de socialização dos sujeitos para além dos processos escolares** e de uma educação baseada, simplesmente, no processo ensino-aprendizagem (MELO, 2008, p. 73, grifo nosso).

É no processo de socialização, portanto, onde se realiza a categorização do sujeito. Aí está delimitada a nossa concepção de educação utilizada neste trabalho. Feito esse percurso inicial, passemos à leitura de um excerto do nosso *corpus*⁵:

⁵ Ver transcrição completa do vídeo em Anexo.

Excerto 01

MÉDICO: Primeiro, estamos falando viado. Se o seu filho mais pra frente se descobrir como homossexual, gay, ele continua sendo um homem como um outro qualquer.

[...]

MÉDICO: Hetero. É a pessoa que sente desejo sexual pelo sexo oposto. Só que no caso vai ser uma transexual mulher hetero. E olha... Uma dica: vamos parar de falar “vira”, tá? Ninguém vira nada.

[...]

MÉDICO: Calma... Que eu vou explicar. Olha só: existem dois tipos de pessoas, tá? Cisgêneros e transgêneros. [...]

O vídeo transcrito para a análise condiz à encenação de uma prática comum no dia a dia de uma maternidade: a descoberta do sexo/gênero de um bebê. Porém, tal situação ocorre após o nascimento, e não durante a gestação da mãe. Resumindo: um casal espera o médico chegar com a notícia sobre o sexo/gênero do bebê que nasceu. A mulher está deitada no leito e o marido ao lado. O médico chega e dá a notícia, mas, diante um estereótipo social comum presente na fala da mãe (associar cores ao sexo/gênero), ele conduz uma longa conversa ou “aula” sobre identidades de gênero, orientação sexual e papel sexual (ou social).

Os trechos destacados acima (“primeiro”, “uma dica”, “eu vou explicar”, “olha só”) indicam uma posição-professor, a qual é assumida pelo médico. Sendo assim, podemos apontar, no vídeo, duas posições-sujeito relativas às três personagens: 1) Médico: professor; 2) Mãe e Pai: alunos. Os trechos destacados são próprios da fala do professor no processo ensino-aprendizagem, quando se utiliza de formas didáticas para se expressar e conceitos na exposição de conteúdos (“Hetero. É a pessoa que...”), objetivando alcançar a compreensão por parte de seus alunos. Além disso, desafiar e questionar o outro condiz com a postura de um professor. Vejamos isso no excerto abaixo:

Excerto 02

MÉDICO: Novamente vocês só estão falando de papéis sexuais, tá? Não têm a ver necessariamente com a sexualidade da pessoa. Mas, agora, um desafio! Hã? Quero ver! E se é um travesti apaixonado por outro travesti? Temos o que, temos o que?

Durante o vídeo, o médico (posição-professor) vai procurando instruir os pais do bebê recém-nascido sobre novas formas de se referir a pessoas LGBT. Essa atitude acaba por tentar desconstruir nos pais algumas visões limitadas acerca da diversidade sexual e de gênero.



Figura 1: Vídeo do Põe na Roda - Menino ou Menina?

Vejamos um novo excerto do vídeo onde essa relação de ensino-aprendizagem pode ser observada:

Excerto 03

MÃE: É menino?

PAI: Menina?

MÉDICO: Sei lá.

PAI: Mas, como assim, sei lá... Tem piroca, tem buceta?

MÃE: Osvaldo! Pelo amor de Deus, é uma maternidade, né? Um lugar fofo. Fala, é... Pipi ou pepeca.

MÉDICO: Bom, gente. No caso, ele nasceu com um pipi.

MÃE: Ai, que bom! Eu tava pressentindo... Ainda bem! Ainda bem que eu pintei a parede do quarto de azul.

MÉDICO: É, mas... Ainda pode ser uma menina, né?

PAI: Não, mas... Tudo bem, tudo bem também, viu? Que eu sou um pai moderno, e se o menino nascer viado, não tem problema.

MÃE: Aí são o que? São sete baldes de tinta pra pintar um arco-íris na parede? Fica difícil pra mim...

MÉDICO: Primeiro, estamos falando viado. Se o seu filho mais pra frente se descobrir como homossexual, gay, ele continua sendo um homem como um outro qualquer. O que eu quis dizer é: independente de como seu filho nasceu, ou se foi com pipi ou pepeca... Se mais pra frente ele se identificar com o sexo feminino, é uma menina.

MÃE: Então, será que era melhor eu ter pintado o quarto de rosa?

PAI: O senhor tá querendo dizer que... Se pá! O nosso filho pode ser que nasça traveco, é isso ou não?

Nesse excerto, observamos que os trechos destacados correspondem a identidades de gênero (“menino”, “menina”, “identificar [-se]”, “traveco”), sexo biológico (“piroca”, “buceta”, “pipi”, “pepeca”), orientação sexual (“viado”, “homossexual”, “gay”), bem como àquilo que chamamos de estereótipos sociais (pintar “a parede do quarto de azul” para o gênero masculino, “um arco-íris na parede”, pintar “o quarto de rosa” para o gênero feminino). Temos aqui formas linguísticas distintas para diferentes aspectos relativos à categorização do sujeito LGBT. No entanto, o que ocorre no vídeo é que, enquanto o médico, de posse da “terminologia correta”, procura instruir os pais do bebê, estes fazem uso aleatório das categorias, confundindo, por exemplo, sexo biológico (“pipi”) com identidade de gênero (“menino”).

Esses diferentes aspectos e diferentes categorias são, no mundo contemporâneo, alvos de constante reavaliação e debate pela sociedade e pelos ativistas LGBT. O ato de separar seres humanos por categorias está entranhado significativamente na ordem social. Mesmo disseminando ideais de liberdade e instabilidade no processo de identificação social, o movimento LGBT figura como reprodutor de oposições binárias. Fundamentado em Silva (2000), diz-nos Melo (2008):

No mundo social, uma importante forma de classificação e hierarquização é aquela que se estrutura em **oposições binárias**. [...] várias relações de identidade e diferença se ordenam, todas, em torno de oposições binárias: **masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual** (MELO, 2008, p. 71, grifos nossos).

No vídeo transcrito, observamos diferentes oposições binárias nas falas do médico e dos pais do bebê, não apenas relacionadas ao gênero e à sexualidade: “menino/menina”, “piroca (pipi) / buceta (pepeca)”, “azul/rosa”. Apesar disso, está claro que o movimento LGBT, ao qual o médico do vídeo parece estar filiado, não se limita a esse tipo de ordenação social. Ele também reconhece a existência de pessoas desse segmento que não se enquadram nessas oposições. É o caso da bissexualidade, da travestilidade ou da transexualidade, por exemplo. Ainda assim, muitos sujeitos sociais, inclusive ativistas LGBT, não respeitam de todo as diferenças dessas pessoas no que tange à identidade de gênero.

Aprofundaremos essas e outras questões na seção a seguir, fazendo uso de categorias teórico-analíticas da AD.

DISCIPLINARIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DO SUJEITO LGBT: QUESTÕES DE IDEOLOGIA E SILENCIAMENTO

Nesta seção, abordaremos noções de disciplinarização e categorização do sujeito LGBT acopladas à ideologia e ao silenciamento. Vamos proceder de forma teórico-analítica, conforme já mencionado. Para organizar a discussão, sugerimos duas ordens de questões:

(a) Como a ideologia e o silenciamento podem servir para constituir o sujeito LGBT no processo de disciplinarização?

(b) De que maneira as interdições (o que pode e não ser dito) e o silenciamento (dizer “X” para não dizer “Y”) se atrelam à categorização do sujeito LGBT?

Começemos pela exposição de um novo excerto da transcrição do vídeo:

Excerto 04

PAI: O senhor tá querendo dizer que... Se pá! O nosso filho pode ser que nasça *traveco*, é isso ou não?

MÉDICO: É, na verdade, *não se diz traveco*, né? Seria um *travesti*. [...]

MÉDICO: É. Mas, na verdade, não é um travesti porque o travesti se sente como menino e menina. Se nasceu com pipi e se sente menina, seria uma *trans mulher*.

PAI: Menino que gosta de menino é *gay*. Aí já... Né? Se ele nasce menino, ele tem o pênis, mas ele vira menina, e ele gosta de um menino. Ele é o que?

MÉDICO: *Hetero*. É a pessoa que sente desejo sexual pelo sexo oposto. Só que no caso vai ser uma *transexual mulher hetero*. E olha... Uma dica: *vamos parar de falar “vira”*, tá? *Ninguém vira nada*.

PAI: Ah...

MÉDICO: Quem vira é o Roberto Leal, é a roda do Bom Dia e Companhia, é borboleta. *A pessoa adéqua o corpo àquilo que ela já sentia*.

PAI: Aquele negócio de *mudança de sexo*, né?

MÉDICO: *Redesignação sexual*.

PAI: O.K. Se ele se entende como menina e gosta de uma outra menina...

MÉDICO: No caso, ela, né? Uma *transexual mulher lésbica*.

MÃE: Meu Deus, será que eu vou precisar fazer xadrez?

MÉDICO: Olha, gente, não é porque a criança é um menino que vai gostar de azul e futebol, é menina e vai gostar de rosa... Ou é menina lésbica e vai gostar de xadrez e vai gostar de pochete. Isso são só *papeis sexuais*, entendeu? Têm mais a ver com gosto, não necessariamente têm a ver com a sexualidade da pessoa. [...]

MÉDICO: [...] Olha só: existem dois tipos de pessoas, tá? *Cisgêneros e transgêneros*. Quando a pessoa nasce com um pipi e se sente no sexo masculino, ou nasce com uma pepeca e se sente uma mulher, são cisgêneros. Agora... Se ela se identifica com o sexo oposto ao genital com o qual ela nasceu, você é um transgênero.

Nesse excerto, observamos que as três personagens (médico, pai e mãe) estão falando sobre identidade de gênero, orientação sexual, papéis sexuais (ou sociais) e sexo biológico. O médico, assumindo uma posição-professor, vai apresentando ao pai e à mãe novas terminologias para referir-se a pessoas LGBT. Nessa situação enunciativa, pode-se dizer “isso” e não “aquilo”: diz-se “travesti” e não “traveco”. Isso ocorre em tom de correção, atitude própria de um professor de ensino tradicionalista. Seria estranho de nossa parte encontrar alguma relação entre essa correção e a questão do silenciamento?

Em sua obra “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos”, Eni Orlandi (1997) se ocupa do estudo do silêncio presente na constituição do sentido e do sujeito de linguagem. Para ela, o silêncio é o que rege os processos de significação. Duas formas de silêncio parecem servir para explicar o nosso percurso analítico do excerto acima: silenciamento e silêncio e vozes sociais. Primeiramente, o silenciamento se constitui enquanto política do sentido porque “produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz”, e, ao dizer algo, o sujeito tende a apagar “necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1997, p. 75). O discurso atesta o poder-dizer no processo sócio-histórico de constituição do sujeito. De forma resumida, Orlandi (1997) fala sobre dois tipos de silenciamento: a) silêncio constitutivo; b) silêncio local. Interessa-nos, primordialmente, o silêncio constitutivo:

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: **se diz “x” para não (deixar) dizer “y”**, este sendo o sentido a se descartar do dito. **É o não-dito necessariamente excluído**. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando consequentemente os limites do dizer (ORLANDI, 1997, p. 75-76, grifos nossos).

O silêncio local e a censura (esta tomada como exemplo correspondente) estão circunscritos à interdição do dizer, à proibição do interdito, do proibido (ORLANDI, 1997). Ao lado desse segundo tipo de silenciamento se encontra o silêncio atrelado às vozes sociais. De

acordo com a autora (1997, p. 78), nessas formas de silêncio “proíbem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos [...] se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor, proíbem-se certas posições do sujeito”.

Dessa maneira, tanto o silêncio constitutivo quanto o silêncio local parecem guiar os sentidos da fala do médico. Temos um confronto entre duas formações discursivas diferentes e duas posições-sujeito também distintas (a voz da ciência e da política LGBT na fala do médico/posição-professor, e a voz do senso comum, na fala dos pais/posição-aluno). Nesse processo de silenciamento, formas linguísticas se apagam para darem lugar a novas formas. Quer-se evitar sentidos de instabilidade (“*Vamos parar de falar “vira”, tá? Ninguém vira nada*”; “*A pessoa adéqua o corpo àquilo que ela já sentia*”) na identidade de gênero de um ser humano. Isso nos remete ao que Melo (2008) chama de *identidades muradas*. Movimentos LGBT defendem que há uma instabilidade, uma relação assimétrica entre sexo biológico e identidade de gênero. Porém, ao dispor em categorias diversos tipos de seres humanos a partir da realidade observada, esses movimentos estão contribuindo para a exclusão de possíveis variações nas identidades. Esses processos de categorização e de silenciamento se encontram presentes nas políticas/militâncias LGBT.

Com base no exposto, vejamos os quadros abaixo, elaborados por nós para ilustrar um recorte entre “o que se diz” e “o que não se diz” sobre o sujeito LGBT no vídeo em análise, bem como as relações de diferença entre identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e papel sexual (ou social):

| O QUE SE DIZ | O QUE NÃO SE DIZ |
|---------------------|------------------|
| Travesti | Traveco |
| Redesignação sexual | Mudança de sexo |
| Homossexual/Gay | Veado |

Quadro 1: O que se diz *versus* O que não se diz



Quadro 2: Identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e papel sexual

Nessa visada, percebemos relações entre categorização, silenciamento e condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Tocar em condições ideológicas nos leva a retomar o conceito de ideologia na AD. Segundo Bernardo-Santos (2009, p. 62), fundamentado nos estudos de Karl Marx, “a ideologia é o que aliena o homem, o que faz com que ele não compreenda sua própria realidade”. A noção de ideologia está afeita ao processo de “assujeitamento”. A ideologia molda as condições de vida e as ações do sujeito ao longo do tempo. A linguagem do sujeito é afetada pela ideologia, de modo que ele pensa, age e fala de determinadas maneiras, e não de outras, inconscientemente. Pêcheux e Fuchs (1975, p. 165-166 *apud* BERNARDO-SANTOS, 2009, p. 63), acreditam que, sem se dar conta, o sujeito “tem a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes antagonistas do modo de produção”.

Ao tratar de condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, Pêcheux (1997) alerta que a ideologia não é o único elemento que as efetiva em uma determinada formação social. Para ele, a ideologia, vista pela noção de *aparelhos ideológicos de Estado*, se estabelece como “palco de uma dura e ininterrupta luta de classes” (p. 145). Nas palavras dele, as condições ideológicas são condições contraditórias constituídas

em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo **conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado** que essa formação social comporta. Digamos bem, conjunto **complexo**, isto é, com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus “elementos”, e não uma simples lista de elementos... (PÊCHEUX, 1997, p. 145, grifos do autor).

Em conformidade com Pêcheux (1997), a instância ideológica possui um caráter “regional” e abriga posições de classe. As relações de desigualdade-subordinação entre diferentes “regiões” constituem a cena da *luta ideológica de classes*. Quando, por exemplo, essa luta procura transformar as relações de produção existentes, surgem, porém, *novas relações de desigualdade-subordinação*. É nesse limiar que estabelecemos, neste artigo, algumas relações entre condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção, luta ideológica de classes, disciplinarização e categorização do sujeito LGBT no século XXI.

Por essa ótica, a busca constante por introduzir ou impor formas linguísticas específicas para diferentes segmentos LGBT nos permite pensar, enquanto analistas, que o movimento LGBT faz parte de uma classe social que entra no jogo da instituição de novas relações de

desigualdade-subordinação por meio do ato de disciplinar e/ou dispor em categorias o sujeito LGBT.

Para finalizar, vamos ao último excerto do vídeo transcrito, o qual reforça a nossa discussão teórico-analítica. É o momento em que a conversa vai chegando ao fim e o médico então indaga aos pais do bebê:

Excerto 05

MÉDICO: [...] Viu como é simples?

PAI: *Simples foi quando eu nasci*. Na minha época, era ser *homem* ou *mulher* e *meio viado*, e só! Isso é simples!

MÉDICO: *Simples, a sexualidade humana nunca foi*. E todas *essas variações sempre existiram*. Sempre. *Isso só não era exposto*, e as pessoas sofriam por não saber quem elas são, do que elas gostam... Isso quando tinham coragem.

A partir de condições ideológicas que instituem novas relações de desigualdade-subordinação e de silenciamento, podemos afirmar que as palavras veiculadas em tal trecho indicam uma noção de tempo passado (“Simples foi quando eu nasci”) e tempo presente (“Isso só não era exposto”, mas, agora, sim). Isso, por si só, já implica situarmos a relação entre língua, história e a abertura da discussão sobre a diversidade sexual e de gênero. A fala do pai remete a um tempo em que essa discussão ainda não havia sido iniciada de todo, ou quando ele ainda não ouvira falar abertamente em tais temas. Em contrapartida, a fala do médico remete ao tempo presente, ou seja, o século XXI, embora as discussões sobre essas temáticas tenham sido iniciadas já nas décadas finais do século XX, isto é, com os estudos gays e lésbicos e, anos mais tarde, com os estudos *queer* (SANTOS, 2006).

Compreendemos que, com os estudos gays e lésbicos e os estudos *queer*, os quais contribuíram intelectual e significativamente para a militância LGBT, os processos de categorização e disciplinarização emergiram com força na formação discursiva que abarca discursos sobre identidades de gênero e diversidade sexual no século XXI. O duelo de sentidos entre “simples” (explícito linguisticamente no vídeo transcrito) e “complexo” (inferido por nós pela ideia contrária) leva-nos a refletir sobre essas novas relações de desigualdade-subordinação às quais se atrela o movimento LGBT. Impossível é escapar da ideologia e de suas condições. Por ela, o Sujeito é um animal ideológico (PÊCHEUX, 1997) e está eternamente afeito,

inconscientemente, à determinação, à individualização, à passividade, à disciplinarização. Nesse contexto, inscreve-se a noção de “assujeitamento”.

É Claudine Haroche (1992) que vai tratar dessas questões em seu livro “Fazer dizer, querer dizer”. Ela inicia suas reflexões ao mencionar uma diferença importante entre individualismo e individualização. O primeiro aspecto denota o sujeito revoltado e resistente, aquela noção de sujeito própria dos estudos da psicologia científica; sujeito consciente, transparente. Por seu turno, o segundo aspecto (individualização) se trata do sujeito coagido pelo Estado. Citando Foucault (1984), a autora menciona que o poder se encontra distribuído em mecanismos “individualizantes”, visando construir um determinado tipo de “individualidade” do sujeito na sociedade. Dessa maneira, conduz-se a determinação do sujeito por meio do seu isolamento em um caráter “celular” de disciplinas. O Estado, assim, governa o sujeito pelo processo de individualização.

A questão da determinação encontra estreita relação com a disciplinarização e a individualização. Com base em Haroche (1992), podem existir assim dois polos que permitem situar o sujeito na sociedade e na história: território fixo e classificação. O território fixo era a noção que definia o sujeito como indivíduo que não se deixa determinar pelos mecanismos “individualizantes”. Já a classificação se refere aos mecanismos que levam o sujeito a ser tipificado, assumindo uma classe, um lugar específico, uma categoria. Sobre essa classificação repousa o traço silencioso dos processos históricos de disciplinarização (e individualização) do sujeito. De acordo com ela, o “governo pela individualização” (FOUCAULT, 1984 *apud* HAROCHE, 1992) se constitui “uma forma de poder que classifica os indivíduos em categorias, identifica-os, amarra-os, aprisiona-os em sua identidade” (HAROCHE, 1992, p. 21). Diante disso, a ideia de domínio que o sujeito acredita ter sobre a liberdade é uma falsa ilusão.

Nesse contexto, a língua, a gramática e a psicologia estão instituídas sob a forma de mecanismos individualizantes, que induzem traços ou comportamentos psicológicos nas ações do sujeito. De acordo com a autora, pela falsa ilusão, o poder acaba por disciplinar e normalizar a subjetividade desse sujeito. Visando desambiguar/determinar o sujeito, ao passo que o poder do Estado tenta classifica-lo, compreendê-lo enquanto individual, procura, na verdade, controlá-lo e manipulá-lo (HAROCHE, 1992). Compreendemos, dessa maneira, que a gramática, vista pelos moldes tradicionais, determina e individualiza o sujeito. Tal determinação, construída sociohistoricamente, tem subjacente o postulado geral de que não pode haver ambiguidade no sujeito. Por isso é que aspectos como clareza e legibilidade estão

inscritas nesse processo. Deixar claro, transparente e legível significa uma ação do sujeito rumo ao seu isolamento. Haroche (1992) vai dizer que os mecanismos gramaticais estão em acordo com os imperativos de poder que induz o sujeito a ser uma entidade homogênea e transparente. Assim sendo, ele se verá limitado, podado em sua liberdade de dizer o que quiser, fazer o que bem desejar.

De acordo com Melo (2008), seguindo a perspectiva dos estudos *queer*, as identidades coletivas apresentam um caráter unitário que propicia processos de exclusão social. Isso nos leva a pensar que, se a existência de movimentos LGBT significa uma reação contrária à lógica social pautada em critérios heteronormativos⁶ e oposições binárias rigorosas, os processos de categorização de pessoas LGBT e a disciplinarização (educação sexual e de gênero) também induzem a uma exclusão de outros segmentos sociais afeitos (bissexuais, travestis, por exemplo) ou não (heterossexuais) à comunidade LGBT. Dessa maneira, a sexualidade e a identidade de gênero são tomadas não como dados da natureza humana, mas como dispositivos históricos (MELO, 2008). Este autor, citando Seidman (1996, p. 12) e Butler (2005), ainda afirma que os teóricos *queer* entendem que as políticas homossexuais/LGBT e as afirmações identitárias são disciplinares e reguladoras, instituindo “marcas”, “modelos”, “categorias” e “verdades” sobre o que é o sujeito homossexual, excluindo variações de subjetividades, desejos, corpos e ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, a categorização e a disciplinarização são processos intimamente ligados na sociedade do século XXI no que tange às discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual, como vimos durante a análise do vídeo. Feito todo esse percurso, pontuamos, então, duas considerações:

1. O movimento LGBT representa, na sociedade contemporânea, uma cena de luta ideológica de classe, procurando conquistar direitos civis relevantes à cidadania das pessoas LGBT. Um deles foi aqui discutido: a categorização. Por meio desta, o movimento institui, por assim dizer, uma política linguística de usos das categorias relativas a pessoas LGBT. O uso dessas categorias, porém, indica o apagamento do sentido da instabilidade que parece nortear

⁶ Expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado heterossexual (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS, 2010, p. 12).

um dos seus ideais. Quer dizer, ao mesmo tempo em que o movimento procura ampliar a compreensão da sociedade sobre questões de identidade de gênero e sexualidade, acaba por reduzir também questões outras que estariam vinculadas à flexibilidade e complexidade da natureza humana, já que o que se prega é a homossexualidade enquanto realidade não fabricada, mas natural.

2. Somando-se as análises feitas do vídeo com o Manual de Comunicação LGBT e os estudos sobre disciplinarização, silenciamento e ideologia, compreendemos que o processo educativo de identidade de gênero e diversidade sexual está entranhado hoje, no século XXI, de tal forma na sociedade, que determinados sentidos de estabilidade se apagam gradativamente em face dos que primam pela instabilidade, embora esta, como vimos, retome, de certa forma, aqueles primeiros. Isso porque o Sujeito, animal ideológico, como diz Pêcheux (1997), consciente de uma aparente liberdade, faz parte do funcionamento ideológico. Sendo assim, a categorização e a disciplinarização se inscrevem nas instâncias ideológicas que constituem historicamente o Sujeito. E o sujeito LGBT, uma faceta do Sujeito (com letra maiúscula), não está fora disso.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de comunicação LGBT**. Curitiba: Ajir Artes Gráficas e Editora LTDA, 2010. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

BERNARDO-SANTOS, W. J. **Introdução às teorias do discurso**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

HAROCHE, C. Introdução. Individualização, isolamento, passividade (Esboço da história das formas de disciplinarização do sujeito). In: **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992. p. 19-30.

MELO, M. R. de. Educação e movimento homossexual: reflexões *queer*. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, p. 71-80, jul-dez, 2008.

ORLANDI, E. Silêncio, sujeito, história: significando nas margens. In: **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Discurso e ideologia(s). In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

SANTOS, A. C. Estudos *queer*: identidades, contextos e acção colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. v. 76, p. 3-15, dezembro/2006.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO: MENINO OU MENINA? – PÔE NA RODA

Um casal espera o médico chegar com a notícia sobre o gênero do bebê que nasceu. A mulher está deitada no leito e o marido ao lado. O médico chega.

MÉDICO: Gente, desculpem. Eu tive que levar o bebê correndo porque ele correu alguns riscos, mas agora tá tudo bem, tudo tranquilo. Mais tarde, ele já vem pra ficar aqui no quarto com vocês.

PAI: Na aflição, na correria, no nervosismo, eu fechei o olho e nem vi e... Afinal de contas, o que é que é?

MÃE: É menino?

PAI: Menina?

MÉDICO: Sei lá.

PAI: Mas, como assim, sei lá... Tem piroca, tem buceta?

MÃE: Osvaldo! Pelo amor de Deus, é uma maternidade, né? Um lugar fofo. Fala, é... Pipi ou pepeca.

MÉDICO: Bom, gente. No caso, ele nasceu com um pipi.

MÃE: Ai, que bom! Eu tava pressentindo... Ainda bem! Ainda bem que eu pintei a parede do quarto de azul.

MÉDICO: É, mas... Ainda pode ser uma menina, né?

PAI: Não, mas... Tudo bem, tudo bem também, viu? Que eu sou um pai moderno, e se o menino nascer viado, não tem problema.

MÃE: Aí são o que? São sete baldes de tinta pra pintar um arco-íris na parede? Fica difícil pra mim...

MÉDICO: Primeiro, estamos falando viado. Se o seu filho mais pra frente se descobrir como homossexual, gay, ele continua sendo um homem como um outro qualquer. O que eu quis dizer é: independente de como seu filho nasceu, ou se foi com pipi ou pepeca... Se mais pra frente ele se identificar com o sexo feminino, é uma menina.

MÃE: Então, será que era melhor eu ter pintado o quarto de rosa?

PAI: O senhor tá querendo dizer que... Se pá! O nosso filho pode ser que nasça traveco, é isso ou não?

MÉDICO: É, na verdade, não se diz traveco, né? Seria um travesti.

MÃE: Mas não dá uma a menos, Osvaldo?

MÉDICO: É. Mas, na verdade, não é um travesti porque o travesti se sente como menino e menina. Se nasceu com pipi e se sente menina, seria uma trans mulher.

PAI: Menino que gosta de menino é gay. Aí já... Né? Se ele nasce menino, ele tem o pênis, mas ele vira menina, e ele gosta de um menino. Ele é o que?

MÉDICO: Hetero. É a pessoa que sente desejo sexual pelo sexo oposto. Só que no caso vai ser uma transexual mulher hetero. E olha... Uma dica: vamos parar de falar “vira”, tá? Ninguém vira nada.

PAI: Ah...

MÉDICO: Quem vira é o Roberto Leal, é a roda do Bom Dia e Companhia, é borboleta. A pessoa adéqua o corpo àquilo que ela já sentia.

PAI: Aquele negócio de mudança de sexo, né?

MÉDICO: Redesignação sexual.

PAI: O.K. Se ele se entende como menina e gosta de uma outra menina...

MÉDICO: No caso, ela, né? Uma transexual mulher lésbica.

MÃE: Meu Deus, será que eu vou precisar fazer xadrez?

MÉDICO: Olha, gente, não é porque a criança é um menino que vai gostar de azul e futebol, é menina e vai gostar de rosa... Ou é menina lésbica e vai gostar de xadrez e vai gostar de pochete. Isso são só papéis sexuais, entendeu? Têm mais a ver com gosto, não necessariamente têm a ver com a sexualidade da pessoa.

PAI: Mas, eu não tô entendendo mais nada aqui. Eu não sei mais se é mulher, se é homem, se ela é filha dele (apontando para a esposa), se ele é meu filha, se eu sou mulher, se ela é o pai, se eu sou a tia-avó, se ela é o meu co-cunhado, eu não tô entendendo mais!

A mãe chora.

MÉDICO: Calma... Que eu vou explicar. Olha só: existem dois tipos de pessoas, tá? Cisgêneros e transgêneros. Quando a pessoa nasce com um pipi e se sente no sexo masculino, ou nasce com uma pepeca e se sente uma mulher, são cisgêneros. Agora... Se ela se identifica com o sexo oposto ao genital com o qual ela nasceu, você é um transgênero.

PAI: (assustado) Meu Deus... Do jeito que o senhor tá falando aí, eu me enquadro na mesma categoria que o David Brasil, mas eu nunca me toquei disso!

MÉDICO: Exatamente! Vocês dois são homens cisgêneros. Nasceram com pênis, se entendem como homens, só que no seu caso, homem hetero, e ele, gay. Entendido?

MÃE: Azul com rosa dá uma parede o quê? Roxa? Roxa é pesado, né, amor?

MÉDICO: Gente, olha só: vocês estão confundindo três coisas diferentes.

MÃE: Três cores?

MÉDICO: Não. Três coisas. Veja bem: a primeira é o sexo biológico, é o genital com o qual a criança nasceu, que, no fim das contas, define pouquíssima coisa.

PAI: Pois... Se for o filho do Kid Bengala, não é pouca coisa, não é, doutor? Vai confundir ali o cordão umbilical com a piroca...

MÉDICO: Esse é só um órgão. Depois disso vem a identidade sexual, que é o que? Como essa pessoa se enxerga no mundo: homem? Mulher?

MÃE: Gente, sério. O pintor vai me matar.

MÉDICO: Aí depois do sexo biológico e da identidade sexual, nós temos o que? A orientação sexual, que é o que? Por quem essa pessoa sente desejo? Se for por homem...

PAI: Eu sei! Homem gay... Uma mulher hetero... Ou um homem trans gay.

MÉDICO: Pinto! Ora, digo: bingo! Exatamente. E se for desejo por mulher...

PAI: Ou é uma mulher trans lésbica, ou homem hetero como eu, ou uma mulher lésbica como a minha cunhada.

MÃE: Vixe, amor! A gente ainda não sabe, ela ainda tá no armário... A gente acha só, que ela já tá com idade avançada, tá solteira... Ela tá no Clube Irmão Caminhoneiro.

PAI: Ela usa pochete, tá... O buço dela já tá aqui...

MÉDICO: Novamente vocês só estão falando de papéis sexuais, tá? Não têm a ver necessariamente com a sexualidade da pessoa. Mas, agora, um desafio! Hã? Quero ver! E se é um travesti apaixonado por outro travesti? Temos o que, temos o que?

PAI: EU! EU! EU!

MÃE: Vai! Vai! Vai!

PAI: Um travesti... A gente tem um travesti aqui... (riscando no papel) Tem outro travesti aqui que é... Quando eles, é...

MÉDICO: É homossexual, gente!

PAI: Só?

MÉDICO: Exatamente! Ele sente desejo pelo mesmo sexo, só que, no caso, travesti. Viu como é simples?

PAI: Simples foi quando eu nasci. Na minha época, era ser homem ou mulher e meio viado, e só! Isso é simples!

MÉDICO: Simples, a sexualidade humana nunca foi. E todas essas variações sempre existiram. Sempre. Isso só não era exposto, e as pessoas sofriam por não saber quem elas são, do que elas gostam... Isso quando tinham coragem.

MÃE: Tá certo, doutor. Tá ótimo. A gente só queria entender mesmo que é pro nosso filho ser feliz. Né? Seja ele hetero, gay, é... Homossexual, transexual, travesti, bissexual, Tammy Gretchen, Valter Mercado, Gugu...

PAI: O que importa a essa altura do campeonato é saber se você já definiu a cor do quarto.

MÃE: Claro que já, meu amor. Vou comprar um Romero Brito bem grande assim... E lá tem tudo quanto é forma, tamanho, cor, né? Aí a criança mesmo que escolhe mesmo, entendeu?

PAI: Muito obrigado, doutor!

MÉDICO: É doutora.

Pai e mãe ficam assustados.

MÉDICO: É nada! Vou lá buscar o filho de vocês. Já venho... Ah...